

**O espaço das palavras –  
de Mallarmé a Broodthaers**



**O espaço das palavras –  
de Mallarmé a Broodthaers**

Jacques Rancière

**Tradução**

Marcela Vieira e Eduardo Jorge de Oliveira



---

**C O L E Ç Ã O**  
peles inventadas

---

© Jacques Rancière, 2005

© Relicário Edições, 2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

R185e

Rancière, Jacques

O espaço das palavras: de Mallarmé a Broodthaers / Jacques Rancière ; traduzido por Marcela Vieira, Eduardo Jorge de Oliveira.

- Belo Horizonte, MG : Relicário, 2020.

68 p. ; 12cm x 17cm.

ISBN: 978-65-86279-00-9

Título original: "L'espace des mots : De Mallarmé à Broodthaers"

1. Poesia. 2. Mallarmé. 3. Broodthaers. 4. Estética. 5. Filosofia da arte. I. Vieira, Marcela. II. Oliveira, Eduardo Jorge de. III. Título

CDD 869.1

CDU 821.134.3(81)-1

2020-436

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

#### **COORDENAÇÃO EDITORIAL**

Maíra Nassif Passos

#### **COORDENAÇÃO DA COLEÇÃO PELES INVENTADAS**

Eduardo Jorge de Oliveira

#### **CAPA E DIAGRAMAÇÃO**

Caroline Gischewski

#### **REVISÃO**

Lucas Morais

• Imagens da obra de Marcel Broodthaers (pgs. 7 e 61) gentilmente cedidas pelo Centre Georges Pompidou / Paris, com agradecimentos a Phillippe Alain-Michaud e a Maria Gilissen.

#### **RELICÁRIO EDIÇÕES**

Rua Machado, 155, casa 1, Colégio Batista

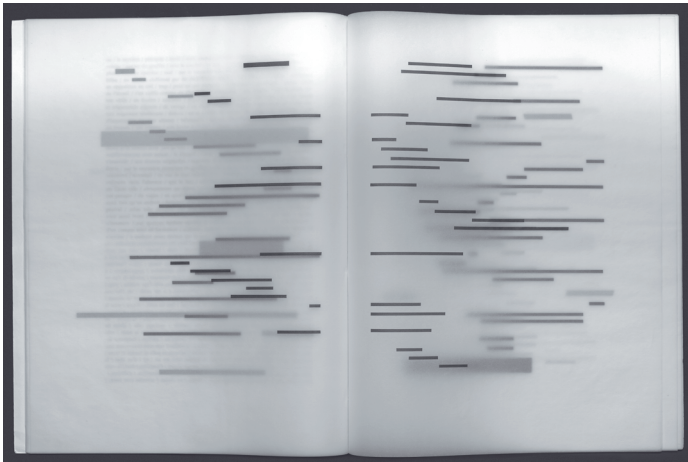
Belo Horizonte, MG, 31110-080

relicarioedicoes.com | contato@relicarioedicoes.com

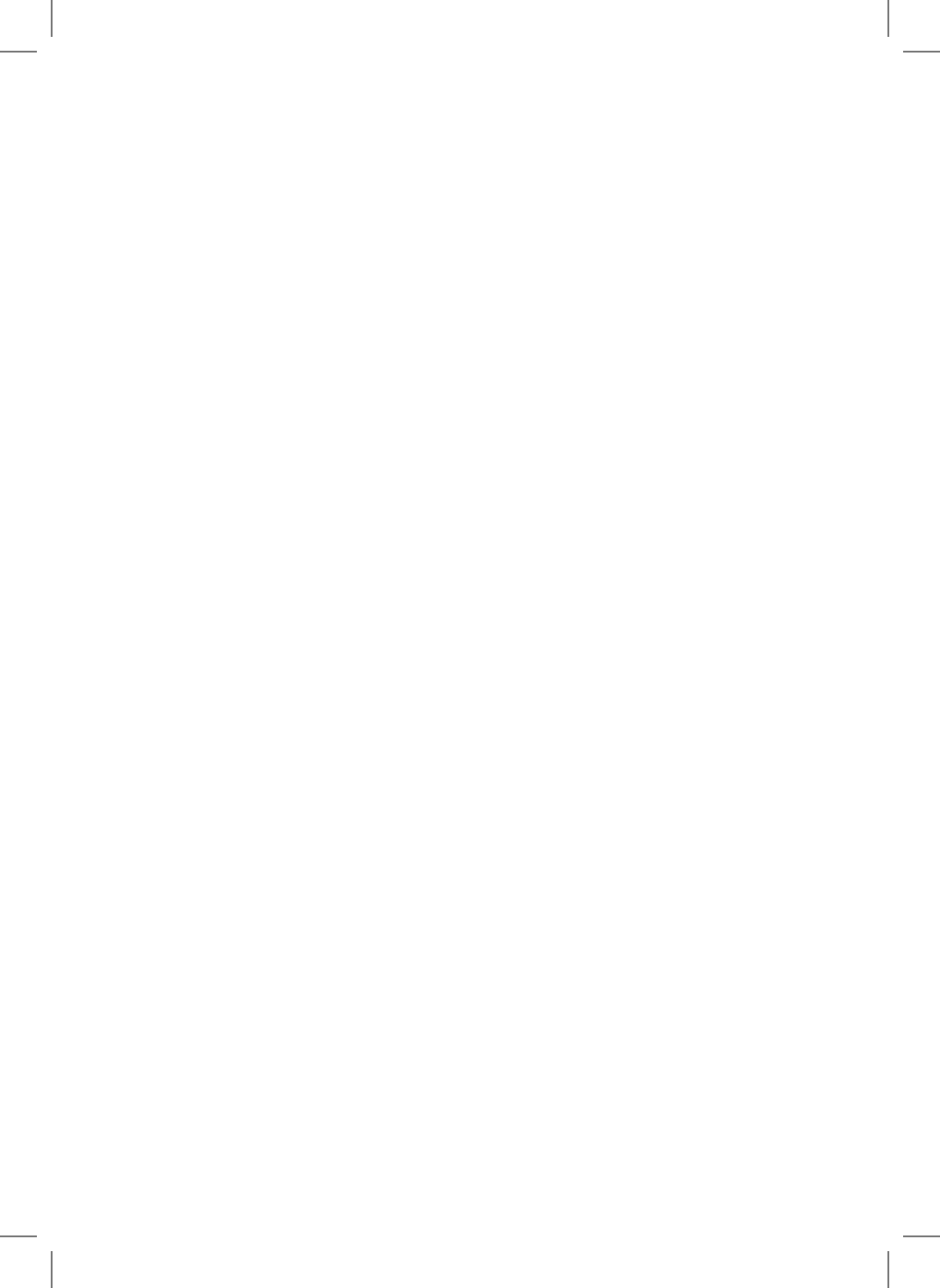
A palavra ou a ideia – indissolavelmente ligada ao ser – está na origem das noções modernas de espaço nas artes plásticas e na música (...) Não existem outras estruturas primárias senão as da linguagem que as define. Com isso, pretendo dizer que um artista não constrói um volume. Ele escreve em volume (...) o espaço é o traje dos cegos.

**Marcel Broodthaers**





Páginas do livro "Un Coup de Dés Jamais N'Abolira Le Hasard", de Marcel Broodthaers. Antuérpia, 1969.





Meu título parece retomar um ponto bem particular da história da arte e de sua crítica, o encontro de Broodthaers com Mallarmé, firmado principalmente pela exposição literária que Broodthaers organizou sobre o poeta e pela obra singular que lhe dedicou: essas doze placas que apresentam as doze páginas duplas do poema de Mallarmé, *Un coup de dés jamais n'abolira le hasard* [*Um lance de dados jamais abolirá o acaso*]. Porém, esse encontro não é uma questão específica da história da arte. Ele provoca uma reflexão mais ampla sobre a relação das palavras com o espaço que convida a analisar o que se costuma chamar de modernidade na arte e seus riscos políticos.

Na verdade, o encontro se apresenta sob a forma de um paradoxo simples de ser formulado: Broodthaers vê em Mallarmé “o fundador da arte contemporânea”. Ele vê em *Um lance de dados jamais abolirá o acaso* o tratado de arte que convém ao nosso tempo, e invalida o de Leonardo da Vinci, culpado por ter concedido demasiada importância às artes plásticas. Consequentemente, ele homenageia o fundador propondo sua “imagem” do poema, o que também quer dizer sua aplicação do “tratado”. Ora, essa imagem consiste em apagar o texto inteiro e substituí-lo por retângulos pretos em sua distribuição espacial, ou seja, sua “plástica”, mais especificamente. Como então pensar essa homenagem a Mallarmé, que consiste em tornar seu poema ilegível? Como o novo tratado de arte antiplástica pode ser realizado na forma contraditória do devir-plástico do seu texto? Pode-se discordar que essas doze placas cobertas por linhas pretas respondem ao que Mallarmé defendia: o poema que “perse-

gue rigorosamente” a identidade entre a íntima disposição do teatro do pensamento e a distribuição do preto e do branco no teatro da página. Mas essa objeção apenas enfatiza o cerne da dificuldade: como pensar *esse espaço* que faz com que o textual e o plástico sejam idênticos?

A singularidade da resposta de Broodthaers talvez só seja compreensível à luz de uma conceituação anterior sobre a espacialidade do poema mallarmeano formulada por Paul Valéry em uma de seus célebres frases: “Tive a impressão de ver a figura de um pensamento pela primeira vez em nosso espaço... aqui a extensão realmente falava, fantasiava, constituía suas formas temporais”.<sup>1</sup> A extensão dizia: a frase de Valéry formula o cerne da questão. A identidade do poema e da figura no espaço também é o equívoco sobre a causa eficiente dessa identidade. O pensamento puro

---

<sup>1</sup> Paul Valéry, “Variété”, *Œuvres*. Paris: Gallimard, 1957, t. 1, p. 624.